Quarta-Feira, 25 de Novembro de 2026

A cadeira que ninguém escolhe

Há uma cadeira na sala que ninguém escolhe.

Não é desconfortável, nem feia.

Apenas ficou esquecida.

Quando chegam visitas, todos se acomodam nas outras, como se aquela tivesse feito um acordo silencioso com a solidão.

Permanece ali, discreta, ouvindo conversas que não lhe pertencem, sustentando silêncios que ninguém percebe.

Às vezes passo por ela e penso em quem já se sentou ali.

Quantas histórias ouviu, quantas confidências guardou sem jamais revelá-las.

As cadeiras também têm memória.

Algumas preferem o centro da sala, outras aceitam o canto.

Aquela parece ter assumido o seu lugar com dignidade, sem queixa, sem ruído.

Os móveis da casa carregam passado.

Volta e meia me pego tentando lembrar de onde vieram, quem os escolheu, em que tempo chegaram.

Hoje acordei pensando nas cadeiras das salas antigas.

Todas tinham função, todas sabiam o seu papel.

E sempre havia uma que nunca era escolhida quando chegavam as visitas.

Tenho uma cadeira na sala de visitas que já atravessou quatro gerações.

Quantas conversas ouviu, quantos risos, quantas notícias boas e ruins recebeu em silêncio.

Pretendo deixá-la como herança aos meus bisnetos.

Não como objeto, mas como guardiã dessas preciosidades invisíveis.

Meu avô conversava com a cadeira de balanço, típica das antigas salas cuiabanas.

Havia um ritual para receber visitas.

A sala ficava sempre impecável, com cortinas brancas de cetim, preparada para ocasiões especiais.

Era um espaço mais para ser admirado do que usado.

Lembro de eventos importantes ali, como o casamento da minha tia caçula.

Dom Aquino Correa também foi recebido naquela sala solene.

Hoje entendo que, nos casarões cuiabanos, muitas histórias ficaram presas às paredes e aos móveis.

E talvez a solidão da cadeira nunca escolhida seja apenas aparência.

Ela ouviu tudo.

E, silenciosa, guardou para sempre.

Gabriel Novis Neves é médico, ex-reitor da UFMT e ex-secretário de Estado